



Pessoas com deficiência na sala de aula:

**Práticas Inclusivas na
concepção do desenho universal.**



**Caderno Orientador para formação
inicial/continuada com pedagogos.**

Maria Clara Calderon Almeida de Oliveira Rodrigues
Décio Nascimento Guimarães
Gisele Pessin

2023





PRODUTO EDUCACIONAL, elaborado por Maria Clara Calderon Almeida de Oliveira Rodrigues, Décio Nascimento Guimarães e Gisele Pessin, no formato de Caderno Orientador para o desenvolvimento de um curso de formação sobre Práticas inclusivas na concepção do Desenho Universal. O produto foi concebido e realizado com licenciandas e licenciandos em Pedagogia do 3º Período da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) na cidade de Campos dos Goytacazes e apresentado à banca examinadora como requisito parcial à obtenção de Título de mestre em Ensino e suas Tecnologias – Programa de Pós-graduação do Instituto Federal Fluminense. A licença desse produto é a Creative Commons- Atribuição Não Comercial.

(<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>)

SUMÁRIO:

APRESENTAÇÃO	03
Escutar para conhecer - Primeiro Encontro	05
Pessoas com Deficiência - Segundo Encontro	10
Educação para todas as pessoas – Terceiro Encontro	16
Práticas Inclusivas para uma educação emancipatória - Quarto Encontro	24
Vamos em frente!	30
Referências	32
Para saber mais:	34

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos o presente trabalho que é resultado do processo de construção e pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias do Instituto Federal Fluminense campus Campos Centro Elaborado pela mestrandia Maria Clara Calderon Almeida de Oliveira Rodrigues, orientada pelo Professor Doutor Décio Nascimento Guimarães e coorientado pela Professora Doutora Gisele Pessin.

A construção dessa formação parte de inquietações pessoais e profissionais no âmbito da formação de pedagogos, bem como a falta de convívio e conhecimento de pessoas com deficiência ao longo da trajetória escolar e acadêmica, o que leva a refletir sobre o papel social do pedagogo que pensa certo, na promoção de práticas inclusivas na concepção do desenho universal.

O Objetivo dessa formação é convidar educadores a dialogar acerca da importância de promover práticas inclusivas na concepção do desenho universal de forma que essa troca dialógica se transforme em conhecimento que permita romper com velhas práticas permitindo a plena inclusão de todas as pessoas no ambiente escolar e fora dele.

Busca-se com as reflexões aqui propostas, trazer novas inquietações e suscitar outras questões que desperte e provoque nas pessoas a necessidade de refletir acerca do direito de todas as pessoas à educação, a importância de considerar os sujeitos para além de suas lesões, compreendendo a proposta do modelo social da deficiência bem como pensar uma educação anticapacitista e livre de preconceito em todas as suas esferas.

Levando em consideração a atuação do pedagogo como docente e sua atuação como especialista nos diversos segmentos de ensino, faz-se necessário que o estudante de Pedagogia reflita continuamente sobre as diversas formas de se comunicar, aprender, ensinar, exercer e assegurar o direito à educação para todas as pessoas. A partir dessa reflexão repensar e modificar sua prática, promovendo, o debate na comunidade escolar e na sociedade como um todo.

Essa proposta foi pensada especialmente para e com pedagogos em formação que tenham o interesse em tornar suas práticas emancipatórias.

Recomenda-se que a formação seja estruturada em no mínimo 4 encontros com carga horária de 12 horas:



Esta atividade é pensada em **4 ENCONTROS** que estamos chamando de Escutar para Conhecer, Pessoas com deficiência, Educação para todas as pessoas e Práticas Inclusivas para uma educação emancipatória.

O Primeiro Encontro, chamado de **"ESCUTAR PARA CONHECER"**, buscará ouvir os participantes da formação, suas trajetórias, suas inquietações e conhecimentos acerca da temática.

O Encontro chamado de **"PESSOAS COM DEFICIÊNCIA"** terá como objetivo abordar a Pessoa com Deficiência, seus direitos e barreiras existentes, bem como pensar a compreensão da Educação enquanto direito de todas as pessoas.

Na sequência, trabalharemos o encontro com o título de **"EDUCAÇÃO PARA TODAS AS PESSOAS"**. Um Encontro com o objetivo de refletir sobre o paradigma atual da educação no Brasil no que tange à educação das pessoas com deficiência.

E para finalizar: No quarto encontro, **"PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA"** Este encontro de finalização propõe uma construção coletiva de caminhos possíveis de práticas inclusivas na concepção universal, atuando frente à realidade apresentada, comprometida com o pensar certo.

Recomendamos o uso de um ambiente virtual de aprendizagem, como por exemplo o Moodle e o google sala de aula, (ambos com recursos de acessibilidade) para apoiar a formação, servindo como um repositório de textos e artigos sobre a temática, e possibilitando também um espaço para comunicação entre participantes.

Nossa intenção é que essa proposta de formação, possa ser replicada em diferentes realidades e públicos de forma que atinja o máximo de pessoas possíveis que busque a transformação na educação!

TENHA UMA BOA JORNADA!



Escutar para Conhecer

Primeiro Encontro

Para iniciarmos essa jornada de 4 encontros de construção de conhecimento sobre práticas inclusivas na concepção do desenho universal é necessário conhecer as companheiras e companheiros do caminho.

FREIRE, em pedagogia da autonomia, nos ensina que “Ensinar exige disponibilidade para o diálogo” para ele, é fundamental no processo educativo que o educador tenha uma abertura respeitosa à realidade do outro, respeitando as diferenças e compreendendo seu inacabamento diante da vida.

Esperamos que essa formação seja um espaço privilegiado de diálogo, escuta e troca, em que cada participante tem o espaço protegido para “dizer a sua palavra” e ser acolhido sem julgamentos e críticas.

Se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens (FREIRE 2021 a, p.109)

É preciso destacar que a escuta deve ser transversal e que faz parte de toda a formação, pois acreditamos que assim como na sala de aula, a ela é primordial

para conhecer as pessoas que estão fazendo parte e promover o diálogo, defendido por FREIRE (2006) que nos faz disponíveis a estar com o outro.

Essa abertura respeitosa ao outro a partir da escuta possibilita a reflexão crítica e a “boniteza do diálogo”.

Testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros, e de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a beleza que há nela como viabilidade do diálogo (FREIRE, 2006, p. 135-136).

Esse primeiro encontro busca conhecer os participantes e perceber a percepção deles acerca das práticas inclusivas na concepção do Desenho Universal.

É preciso destacar que essa abertura a conhecer o outro, a disponibilidade para o diálogo e a escuta livre de julgamentos é uma característica importante e que precisa estar presente e ser uma “marca” em todos os momentos da formação de maneira transversal e significativa. Esta deve ser a grande característica da formação: a escuta e o diálogo. Precisamos estar sempre abertos a conhecer os parceiros de diálogo, suas inquietações, perguntas e propostas.

É importante ressaltar que compreendemos que as práticas inclusivas estão intimamente relacionadas com a educação dialógica como prática de liberdade defendida por FREIRE. Compreendemos que uma educação com práticas inclusivas é pautada pelo protagonismo da pessoa com deficiência, de forma que ela ocupe espaços de decisão, e tenha liberdade e direito de ser e estar em todos os espaços.

Objetivos:

- Construir uma relação de aproximação entre os participantes do grupo.
- Identificar os conhecimentos prévios dos participantes acerca do direito à aprendizagem e escolarização das pessoas com deficiência sobre o prisma das práticas inclusivas na concepção do desenho universal.
- Dialogar com o que já é conhecido.
- Compreender o interesse e identificação dos participantes com a temática da formação.

Caminhos para o diálogo:

- Apresentação
- Leitura Dramatizada
- Expressão e diálogo
- Dialogando com o que já é conhecido. (em grupos)
- Apresentação das cenas
- Finalização / avaliação.

ATIVIDADES:



Apresentação:

Peça para que cada participante se apresente da forma que achar mais confortável: Pode ser usada qualquer linguagem ou forma de comunicação. É pedido para comunicar ao menos seu nome, período e expectativas para a formação.

Leitura Dramatizada:

Peça para o grupo se dividir em dois lados; Um lado lê a parte descrita com E (Estudante) e o outro lado lê a parte PF (Paulo Freire)

Trecho do texto retirado do livro Pedagogia da Esperança Pág 25.

E – O senhor sabe porque é doutor. Nós, não.

PF – Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não?

E – Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.

PF – E por que fui à escola?

E – Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não.

PF – E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola?

E – Porque eram camponeses como nós.

PF – E o que é ser camponês?

E – É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor.

PF – E por que ao camponês falta tudo isso?

E – Porque Deus quer.

PF – E quem é Deus?

E – É o Pai de nós todos.

PF – E quem é pai aqui nesta reunião?

PF – Quantos filhos você tem?

E – Três.

PF – Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife? Você seria capaz de amar assim?

E – Não!

PF – Se você – disse eu –, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça desta, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?

E – Não. Não é Deus o fazedor disso tudo. É o patrão!”

(FREIRE 1992, P.25)

3 Expressão e diálogo

Após a leitura os participantes expressarão com desenho, gestos ou linguagem o que perceberam e vivenciaram durante a experiência da leitura dramatizada e qual relação fazem entre esse diálogo e a Educação para todas as pessoas.

4 Dialogando com o que já é conhecido. (em grupos)

Divida a turma em 3 grupos

Cada grupo conversará sobre uma questão proposta e após o diálogo deverão criar uma cena teatral para ser apresentada para toda a turma sobre o tema da questão:

Exemplos:

- ✓ A cena pode responder à questão apresentada
- ✓ A cena pode trazer novos questionamentos
- ✓ A cena pode relatar alguma experiência vivenciada por algum componente do grupo

Questões propostas:

1-) Desde 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos traz à tona a discussão e a defesa pelo direito à educação de todas as pessoas, sem qualquer distinção. Na sua opinião quais são as barreiras para a garantia desse direito? Qual o papel do Pedagogo nesse processo?

2-) No Brasil existe a orientação que o atendimento educacional de pessoas com deficiência aconteça na escola regular. Na sua percepção como isso tem acontecido nas escolas? O que, na sua opinião, precisa mudar nesse atendimento?

3-) Segundo o Censo Escolar de 2019, houve um aumento de 35,4% no número de matrículas da educação especial em relação ao ano de 2015 (BRASIL, 2020). Os principais documentos legais que abordam os direitos das pessoas com deficiência apontam a importância de um olhar educacional para a diferença humana, de forma a possibilitar a efetiva participação das pessoas com deficiência na sociedade como um todo, em especial, em todos os níveis de educação, sem que sejam excluídas do sistema educacional, assegurando o cumprimento do exercício desse direito.

Você acredita que a sua formação como licenciando em pedagogia te prepara para atuar nessa realidade? Quais são os desafios?

Reflexões Finais

O professor pode pedir para que cada participante resuma em uma palavra o que ficou marcado como mais importante no encontro.

Atividade para o próximo encontro:

Leitura da Lei Brasileira de Inclusão

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 07 jul. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

Referências:

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 07 jul. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021a

Pessoas com Deficiência

Segundo Encontro

A partir da leitura da Lei Brasileira de Inclusão previamente feita pelos participantes nesse segundo encontro, busca-se coletivamente problematizar o pensamento de senso comum no que diz respeito as Pessoas com Deficiência e inclusão, refletindo sobre o Direito à Educação para todas as pessoas, desenvolvendo a partir disso a compreensão sobre o que é educação especial e qual é o seu público. Estruturamos uma reflexão crítica sobre as diversas formas de discriminação e preconceito, organizando o que se pensa sobre inclusão e exclusão no espaço escolar e na sociedade como um todo.

Até a década de 1970, a sociedade entendia a deficiência como uma variação do normal da espécie humana e considerava a pessoa com deficiência como um corpo fora da norma ou um corpo com lesão (DINIZ, 2017).

Ao longo da história, por muito tempo, houve um olhar mítico e uma concepção religiosa que buscava “explicar” a situação da pessoa com deficiência. O senso comum apresentava a deficiência de uma pessoa como um “castigo de Deus” ou uma “provação” ou “karma” em que ela ou seus familiares precisavam passar. Infelizmente esse modelo mítico da deficiência ainda está presente em muitos comentários preconceituosos nos quais as pessoas demonstram um olhar de piedade frente as pessoas com deficiência, se oferecendo até mesmo para orar por essas pessoas para que sua condição seja modificada.

Até o início do século XX, os estudos sobre as pessoas com deficiência eram restritos ao campo biomédico, no qual suas discussões transitavam apenas no campo de saberes da saúde (médicos, psicólogos, fisioterapeutas e fonoaudiólogos) (MAZZOTTA, 2005). Essa concepção, chamada de modelo médico, concebia a deficiência como uma tragédia pessoal, e a pessoa com deficiência era vista como alguém que necessite de constantes cuidados médicos, sem levar em conta que todas as pessoas ao longo de sua vida buscam cuidados médicos, ou seja, não é uma exclusividade da pessoa com deficiência (DINIZ, 2017). Segundo Mazzotta (2005, p. 30): “Alguns importantes indicadores do interesse da sociedade para com a educação dos portadores de deficiência, no começo do século XX, são os trabalhos científicos e técnicos publicados”.

É interessante destacar que no século XX uma nova forma de se pensar a deficiência também surgiu: um novo conceito, chamado modelo social, que partiu do encontro e participação de um grupo de pessoas com deficiência que protagonizou a primeira organização política com o objetivo de lutar contra a segregação. O **modelo social** da deficiência possibilita um novo olhar, não voltado para a lesão, mas sim para as barreiras que oprimem a pessoa e impedem sua emancipação (DINIZ, 2017).

Por meio do modelo social, compreende-se a deficiência como fruto da falta de apoio social na **eliminação de barreiras** que excluem essas pessoas. Esse modelo aproxima as questões vivenciadas pelas pessoas com deficiência das ciências humanas e sociais, buscando, com essa discussão, responsabilizar o poder público pela eliminação de todos os entraves que acabam por ocasionar essa opressão e **exclusão social**.

É urgente que se modifique esse olhar clínico para a pessoa com deficiência e que se passe a adotar o modelo social de deficiência, que, para Diniz (2017): É um fenômeno recente compreender a deficiência com um **estilo de vida** particular. Mas diferente de outros modos de vida, a deficiência reclama o “direito de estar no mundo”. E o maior desafio para a concretização desse direito é o fato de que se conhece pouco sobre a deficiência (DINIZ, 2017 p.76). Seguindo GUIMARÃES (2021c, p. 124)

Por meio da escuta de discentes com deficiência, torna-se fácil constatar que três décadas depois os dilemas são os mesmos, apesar de ampla legislação que se destina a assegurar a esse público o direito à educação. Atribuo esse fenômeno à concentração dos escassos investimentos e das políticas governamentais ao intramuros das escolas e universidades e ao mesmo tempo que se revela a omissão à vida pessoal e ao exercício da cidadania das pessoas com deficiência. Reconheço a existência de ações afirmativas que buscam oportunizar o acesso e a permanência das minorias nas universidades. Atribuo a estas grande valor social, assim como reivindico a ampliação de suas ações, levando-as à promoção da dignidade humana. (GUIMARÃES 2021c, p. 124)

Nesse sentido, o segundo encontro da formação busca romper com visões estereotipadas e preconceituosas acerca da pessoa com deficiência.

Objetivos:

- Construir questionamentos acerca do pensamento de senso comum no que diz respeito as Pessoas com Deficiência e inclusão.
- Refletir sobre o Direito à Educação de todas as pessoas.
- Organizar o que se pensa sobre inclusão X exclusão.
- Desenvolver a compreensão sobre o que é educação especial e qual o seu público.
- Estruturar uma reflexão crítica sobre as diversas formas de discriminação e preconceito.

Caminhos para o diálogo:

- Leitura crítica
- Diálogo sobre a temática
- Apreciação da composição
- Expressão e Diálogo: criando a partir da música.

ATIVIDADES:



Leitura Crítica

Leitura de um trecho do texto *Desfazer os nós*, de autoria de Décio Nascimento Guimarães que prefacia o livro *Desfazendo os nós: Provocações e pessoas com deficiência*.

“Desfazer os nós é pensar de outra maneira, questionar os padrões, desafiar a verticalização, rebelar-se diante da injustiça e das desigualdades, é permitir-se pensar livre, experimentar a horizontalidade em coletivos e compartilhar o fazer diferente. Desfazer os nós é romper com o silenciamento, escutar a voz dos excluídos, denunciar a história que nos foi imposta, reescrevendo a partir de nossas lutas.

Desfazer os nós é assumir a baixa visão como estratégia de observar o mundo mais de perto, é com as mãos experimentar os contornos e os relevos da vida, é desbravar com a bengala a imprevisibilidade dos caminhos, é mostrar à humanidade que a visão dos cegos nada tem a ver com a cegueira do mundo, é ressignificar a velha narrativa de que não pode um cego guiar o outro, porque ambos se deixam guiar por sua própria emancipação.” (GUIMARÃES 2021 p.11)

GUIMARÃES, Décio Nascimento. *Desfazer os nós* IN MELO, Douglas Christian Ferrari de. *Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência*. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p. Disponível em: <https://incluir.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

Diálogo sobre a temática:

Proponha uma roda de conversa sobre as impressões dos participantes sobre o texto e um diálogo ampliado sobre a temática.

É importante que nesse encontro todas as pessoas que desejarem tenham a oportunidade de serem escutadas com acolhida e respeito.

Para fomentar o diálogo pode iniciar com o questionamento de qual parte do texto os participantes mais se identificaram.

Para complementar e ampliar o diálogo, podem ser utilizados os seguintes questionamentos:

- ✓ Consequimos pensar educação sem pessoas?
- ✓ Ao pensar em pessoas, conseguimos pensar em “todo mundo”?
- ✓ Quando dizemos todas as pessoas estamos nos referindo a quem?
- ✓ A escola que frequentamos era para todas as pessoas?
- ✓ Todas as pessoas estão na escola? Por quê?
- ✓ O que é educação especial? Qual é seu público?
- ✓ Vocês já sofreram discriminação de alguma maneira? Alguém gostaria de compartilhar?

Apreciação da composição

Apresente a música “Calce meus sapatos” do compositor Bruno Camurati disponível em: <https://www.letras.mus.br/bruno-camurati/calce-meus-sapatos>

**Calce meus sapatos
Venha caminhar
Pise nessas pedras
Vá sem tropeçar
Quem sabe assim saberá de mim**

**Vista minha pele
Tenha minha cor
Marcas, cicatrizes
Sinta meu temor
Quem sabe assim saberá de mim**

Sinta as minhas dores
Tudo que eu perdi
Sinta meus amores que eu ofereci
Quem sabe assim de perto vai me ver

Ande nos meus passos
Tome essa cruz
Coma do meu prato
Parta o meu pão
Quem sabe saberá o que é amor então
Quem sabe enxergará o teu irmão
Quem sabe, quem sabe...

Calce meus sapatos
Venha caminhar

Vista minha pele
Tenha minha cor
Marcas, cicatrizes
Sinta meu temor
Quem sabe assim saberá de mim

Sinta as minhas dores
Tudo que eu perdi
Sinta meus amores que eu ofereci
Quem sabe assim de perto vai me ver

Ande nos meus passos
Tome essa cruz
Coma do meu prato
Parta o meu pão
Quem sabe saberá o que é amor então
Quem sabe enxergará o teu irmão

Que somos todos filhos...
Somos todos filhos deste chão
(CAMURATI 2022)

4

Expressão e Diálogo: criando a partir da música.

Após os participantes escutarem a música sugere-se que cada um fale sobre o que sentiu, destaques importantes que faz e sua relação com o assunto que estamos trabalhando.

Pode-se dar a opção que os participantes façam desenhos, esculturas ou escrita criativa sobre o que sentiram com a música e depois apresentem para a turma.

Para o próximo encontro:

Responder de forma escrita ou em áudio a seguinte provocação:
Considerando os diálogos, qual sua opinião sobre as contribuições da Lei Brasileira de Inclusão para as escolas?

Referências:

CAMURATI, Bruno. **Calce meu sapatos**, álbum Bem me Quer. 2021

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUIMARÃES, Décio Nascimento. **Desfazer os nós** IN MELO, Douglas Christian Ferrari de. Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p. Disponível em: <https://incluir.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

Educação para todas as pessoas

Terceiro Encontro

A busca por uma educação inclusiva está relacionada à compreensão de que todas as pessoas necessitam ter acesso a seus direitos, e que a garantia do direito à educação se relaciona com o cumprimento de muitos outros direitos.

O sujeito precisa antes ter assegurado o seu direito à moradia, transporte público, alimentação, saúde, entre muitos outros, pois só então será possível ter acesso à educação. Muitas vezes, ignora-se a possibilidade do educando ter alcance negado a outros direitos, como ocorre com estudantes que vivem em condições de extrema pobreza, que moram em ambiente insalubre, sem transporte público e encontram grande dificuldade de conseguir um laudo médico por conta de barreiras existentes no Sistema Único de Saúde.

O paradigma da inclusão precisa estar presente em todo o currículo da formação de professores de forma integrada e transversal. Quando se fala em transversalidade, é preciso ressaltar que se propõe que a perspectiva inclusiva atravesse toda a formação do pedagogo, de forma que se ampliem as possibilidades de discussão e comunicação sobre essa temática. Esse movimento traz uma mudança de paradigma que tem demonstrado ao longo dos anos alguns avanços, mas também retrocessos.

Freire (2006, p. 36) reflete sobre o fato de que:

“Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.”

Nesse sentido, é importante pensar a educação inclusiva como uma **política de direitos**, de ações afirmativas que tornam possível o acesso e permanência das pessoas com deficiência na escola, o que historicamente lhes foi negado. Pletsch (2020, p. 65) tem defendido que:

[...] é preciso pensar a Educação Especial a partir das políticas de educação inclusiva, considerando não apenas o modelo social de deficiência, mas o conjunto dos direitos humanos. Igualmente, entendo que a Educação Especial deve ser entendida numa perspectiva histórica, sem desconsiderar os fundamentos filosóficos, métodos e procedimentos de apoio desenvolvidos com base em diferentes campos do saber, que vão desde a medicina, passando pela psicologia, a sociologia até chegar na pedagogia.

Plesch (2020, p.67) relembra que “a escola, enquanto espaço de convivência da pluralidade humana, orientada por certa intencionalidade político-pedagógica, constitui-se em um espaço de aprendizagem e desenvolvimento de todos, independentemente de suas especificidades”.

Nesse sentido para isso é preciso defender uma **educação para todas as pessoas**, baseada na dialogicidade, e que tenha como proposta a **emancipação** e a aprendizagem de todos(as), respeitando as características de cada um (uma).

Partindo do pressuposto de que a acessibilidade se dá na **escuta** e no encontro com o outro, Böck (2019) propõe que o Desenho Universal possa ser compreendido como um princípio do cuidado na prática docente, contribuindo para o exercício e a efetivação de uma interdependência em sala, de forma que nenhum estudante “fique para trás”, afinal, todos são responsáveis pela aprendizagem uns dos outros. Faz-se necessário refletir que os educandos, enquanto seres humanos, são plurais e aprendem de diferentes maneiras, sendo importante valorizar essa diferença. Quando o pedagogo está atento a essas características, com o olhar para as possibilidades e potencialidades individuais, e não para o que falta, é possível identificar e combater as barreiras existentes nesse processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Böck, Gesser e Nuernberg (2020, p. 366): “compreende-se que as barreiras atitudinais possuem uma relação direta com as práticas capacitistas, ainda tão presentes em contextos de educação formal”. Por capacitismo, conforme Melo (2021, p.76), compreende-se: “a expressão que representa a discriminação e o preconceito contra as pessoas com deficiência, subestimando ou superestimando suas ‘capacidades’”. Levando em consideração que, assim como a maiorias das formas de opressão, **o capacitismo é estrutural**, esse tema merece destaque na formação de pedagogos, sendo necessário fomentar o anticapitismo a fim de possibilitar uma nova compreensão dessa temática na sala de aula. A defesa pela acessibilidade atitudinal está muito ligada ao pensar certo, defendido por Freire (2006), que propõe a rejeição a qualquer forma de discriminação, buscando uma constante reflexão crítica sobre a prática pedagógica de forma a promover uma educação mais libertadora para todas as pessoas.

É papel do pedagogo combater todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação no ambiente escolar e promover a reflexão da comunidade sempre que qualquer situação de discriminação acontecer. Nesse sentido, é fundamental trabalhar a perspectiva do **Desenho Universal** já na formação inicial desse profissional, promovendo, assim, um novo olhar sob as práticas inclusivas no contexto educacional. A perspectiva inclusiva que o Desenho Universal propõe precisa reconhecer a diferença humana na sala de aula e, dessa maneira, romper com práticas capacitistas, pensando, no que diz respeito ao ensino, múltiplos modos de apresentação da mesma temática/conteúdo e possibilitando com isso maior compreensão para todas as pessoas.

Entretanto, segundo Guimarães (2022) faz-se urgente ampliar a compreensão do conceito de Desenho Universal para além dos processos formais de escolarização, assumindo como aprendizagem os diversos modos de participação e interação social e as novas formas de ser e agir socialmente.

Objetivos:

- Desfazer preconceitos acerca da vida das pessoas com deficiência.
- Pensar os caminhos da situação atual das práticas educativas.
- Compreender a Deficiência como um estilo de vida e sua relação em intersecção com outros marcadores sociais (raça, gênero, etc).

Caminhos para o diálogo:

- Leitura reflexiva
- Compartilhando as reflexões
- Desenhando conforme orientação
- Escultura Humana
- Avaliando com os sentidos

ATIVIDADES:

1

Leitura reflexiva

Antes de iniciar a leitura é importante que o encontro inicie com uma reminiscência dos encontros passados. O professor deve sugerir que os participantes voluntariamente se recordem das atividades e diálogos passados.

Após esse primeiro momento, recomenda-se a leitura do texto “Não Precisamos ser colocados em caixas e guetos”. Do livro: Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência de Douglas Christian Ferrari de Melo.

É muito comum eu ouvir perguntas sobre as características de pessoas com determinada deficiência. Como se existisse uma essencialidade. Toda a pessoa surda é assim, ou todo autista é assim. Em primeiro lugar, é preciso deixar bem evidente: essa tal “essencialidade” não existe. Somos sujeitos históricos, únicos e inacabados, portanto, em transformação. O que somos tem muito a ver com que vivemos no passado, as experiências do presente, as reações sociais construídas ou em construção. Assim, não existe uma pessoa igual à outra (ninguém vive a mesma vida, do mesmo jeito).

E isso vale também para as pessoas com deficiência. Até porque, primeiro, somos pessoas e a “lesão” é um atributo, uma qualidade, assim como ter a pele branca ou negra, o cabelo castanho ou preto. A deficiência vem em contato com as barreiras que a sociedade impõe à nossa convivência.

No entanto, é muito comum verificar pessoas com deficiência falando apenas delas. Parece uma conversa “egoísta” para se proteger, como se a pessoa só olhasse para si. Mas isso se torna uma armadilha. Caímos naquilo que a sociedade quer e vem fazendo ao longo dos séculos: prende-nos numa caixinha, e em um gueto, e de lá, temos poucas chances de sair. A especificidade pode existir, mas esta deve vir acompanhada do geral.

Ficamos produzindo material somente para pessoas com deficiência, ou, do material geral, só ficamos olhando para aqueles específicos sobre deficiência. Temos os guetos: Educação especial, educação física adaptada, tecnologia assistiva, psicologia dos excepcionais etc. E, dessa forma, as instituições privadas especializadas em algum tipo de deficiência e historicamente fortalecidas, assim como as pessoas com deficiência, são contadas como números para fins de financiamento. É um cifrão e não as pessoas.

Na verdade e na prática, somos seres integrais, ou seja, que possuímos uma “lesão”, porém somos também negros, brancos, mulheres, homens, gays, trans, pais e mães, trabalhamos.

Não somos somente alunos com deficiência para serem pesquisados nas escolas. Somos pessoas e podemos/devemos falar de outros assuntos, ter práticas que não nos restrinjam, ultrapassamos os limites que nos impõem e absorvemos. Vamos combinar, os limites são flexíveis e cada um de nós colocamos os próprios limites.

Vamos pular das caixinhas, sair dos guetos, “explodir as grades e voar”,(Novos Horizontes - Engenheiros do Hawaii). Lutar contra as velhas barreiras e fazer novas conquistas. Lembrar que antes de tudo somos pessoas. (MELO 2021p.55)

MELO, Douglas Christian Ferrari de. Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p. Disponível em: <https://inclusi.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

Compartilhando as reflexões

Propor ao grupo uma troca sobre qual parte do texto despertou curiosidade, inquietação ou discordância. Cada participante traz as temáticas que mais chamaram a atenção e o professor a partir das falas busca direcionar o diálogo para os seguintes temas:

- ✓ O direito de ser X julgamentos
- ✓ Preconceito e exclusão
- ✓ Interseccionalidade

Em seguida o professor retoma o assunto da legislação, entregue no encontro passado e pede aos participantes que apresentem a produção escrita ou em áudio pedida na semana anterior como atividade.

Desenhando conforme orientação

É solicitado aos participantes que construam um boneco com as seguintes orientações:

- 1-) Uma cabeça redonda e grande;
- 2-) Corpo pequeno e coberto de pêlos;
- 3-) Braços compridos, mas mãos pequenas e garras afiadas;
- 4-) Olhos grandes;
- 5-) Orelhas pontudas;
- 6-) Nariz com narinas com formatos geométricos diferentes;
- 7-) Boca grande e dentes diferentes;
- 8-) O desenho deve conter 3 cores diferentes;

Ao terminar o desenho, cada participante apresenta o seu boneco e no fim das apresentações será feita a seguinte pergunta: Por que os desenhos não ficaram iguais se os direcionamentos foram os mesmos?

A partir da reflexão e respostas dos participantes destacar que os pontos de vista de cada pessoa são moldados por suas bagagens culturais e crenças de vida; percebendo que cada pessoa tem seu jeito de ver e compreender o mundo à sua volta e por esse motivo é preciso conhecer cada estudante que compartilhamos conhecimento durante uma aula, respeitando suas especificidades e possibilitando sua participação.

4 Escultura Humana

Essa atividade é uma adaptação de atividade do Teatro do Oprimido de Augusto BOAL.

É solicitado que a turma seja dividida em dois grupos e metade dos participantes devem criar com o corpo dos demais colegas, esculturas humanas em poses que representem uma situação de opressão.

Em cada grupo parte dos participantes serão os escultores e os demais o material a ser esculpido.

Depois de um tempo, visita e analisa-se as esculturas criadas tentando entender o problema estampado.

Na sequência o professor pede que algum participante que não seja a escultura busque se inserir ou recriar a escultura buscando responder de forma positiva, resolvendo a situação de opressão na imagem.

5 Avaliando com os sentidos

O professor coloca ao centro da roda, no chão, um grande papel e massinha de modelar de diversas cores para que os participantes produzam algum símbolo que represente o que foi vivenciado neste encontro e ao final cada participante deverá descrever sua produção e explicar o motivo da escolha.

Para o próximo encontro:

Ler o texto e Assistir os vídeos:

<https://www.youtube.com/watch?v=jyEY64nN9zY>

<https://www.youtube.com/watch?v=xFV9m2csXl8>

E ler o texto 7 princípios do Desenho Universal (o professor deverá sinalizar para cada participante qual princípio deverá ser responsável para apresentar no encontro seguinte).

Referências:

BOAL, A. **TEATRO DO OPRIMIDO**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. <http://www.infoescola.com> e <http://ctorio.org.br>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

MELO, Douglas Christian Ferrari de. **Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência**. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p. Disponível em: <https://inclui.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

PLETSCH, Márcia Denise. **O que há de especial na educação especial brasileira?** Momento – Diálogos em Educação, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 57-70, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/9357/7600>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. **O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado**. Educação, Artes e Inclusão, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 361-380, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15886/pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, p.733-768, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GUIMARÃES, Décio Nascimento. Educação Superior sob múltiplos olhares: por uma visão emancipatória IN MELO, Francisco Ricardo Lins V.; GUERRA, Érica Simony FM; FURTADO, Margareth Maciel FD. Educação Superior, inclusão e acessibilidade. Campos dos Goytacazes 2021c. Disponível em [GUIMARÃES,](#) acesso em 10/07/2023.

Práticas Inclusivas para uma educação emancipatória

Quarto Encontro

Chegamos ao último dia da nossa Jornada juntos! Mas é também o começo de um novo caminho de transformação!

Tudo o que foi aprendido e vivenciado precisa ser motor de mudança e transformação da realidade já existente.

A proposta desse último encontro é refletir sobre a educação que sonhamos! É um encontro para abrir horizontes, dividir sonhos e se comprometer com uma educação libertadora e emancipatória para todas as pessoas.

O pedagogo tem o papel social de não se acomodar e se adaptar diante dessas desigualdades e sim acreditar num sonho possível de mudança e transformação por uma sociedade menos excludente. Para FREIRE, esse sonho está relacionado a capacidade crítica que impulsiona o educador a ser tornar motor para buscar e projetar coletivamente a mudança e transformação, nutrindo sempre a **esperança** por uma realidade melhor. (STRECK, 2019) “Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 1992, p.91).

Para fazer esse sonho possível vamos juntos transformar?!

Objetivos:

- Apresentar e conversar sobre os princípios do Desenho Universal.
- Refletir sobre a educação que queremos.
- Avaliar os encontros de formação.

Caminhos para o diálogo:

- Tente outra vez
- Refletindo sobre as imagens (em grupos)
- Diálogos sobre a reflexão
- Explicando os princípios do Desenho Universal
- Compondo
- Avaliação

ATIVIDADES:



Tente outra vez

Estimule os participantes escutar e prestar a atenção na música “tente outra vez”.
De Raul Seixas Disponível em <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48334/>

Veja!
Não diga que a canção
Está perdida
Tenha fé em Deus
Tenha fé na vida
Tente outra vez!

Beba! (Beba!)
Pois a água viva
Ainda tá na fonte
(Tente outra vez!)
Você tem dois pés
Para cruzar a ponte
Nada acabou!
Não! Não! Não!

Oh! Oh! Oh! Oh!
Tente!
Levante sua mão sedenta
E recomece a andar

**Não pense
Que a cabeça aguenta
Se você parar
Não! Não! Não!
Não! Não! Não!**

**Há uma voz que canta
Uma voz que dança
Uma voz que gira
(Gira!)
Bailando no ar
Uh! Uh! Uh!**

**Queira! (Queira!)
Basta ser sincero
E desejar profundo
Você será capaz
De sacudir o mundo**

**Vai!
Tente outra vez!
Humrum!**

Tente! (Tente!)

**E não diga
Que a vitória está perdida
Se é de batalhas
Que se vive a vida
Han!
Tente outra vez!**

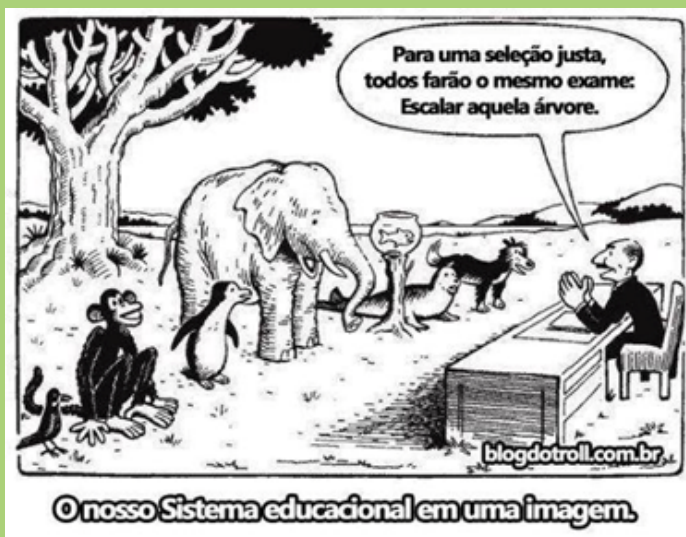
Sugerir aos participantes a reflexão e partilha sobre as coisas que essa semana eles deixaram de tentar. É importante estimular a participação de todas as pessoas.

Ao final de cada fala todos cantam juntos a frase “Tente outra vez”.

2 Refletindo sobre as imagens (em grupos)

Divida a turma em dois grupos. Cada grupo receberá uma imagem para refletir e dialogar sobre o que ela representa e as aproximações e distanciamentos da realidade vivenciada ao longo da trajetória escolar desses participantes.

GRUPO 1



Fonte: <https://www.topimagens.com.br/outros/13824-sistema-educacional.html>

Início da descrição de imagem: A imagem mostra uma árvore e a sua frente os seguintes animais: Pássaro, Macaco, Pinguim, Elefante, peixe, foca e cão e um professor em sua mesa falando a seguinte frase: “ Para uma seleção justa, todos farão o mesmo exame: Escalar aquela árvore.”

Abaixo da imagem a seguinte frase: O Nosso sistema educacional em uma imagem.
Fim da descrição de imagem

GRUPO 2



Fonte: <https://iigual.com.br/blog/2020/09/30/capacitismo-preconceito-iigual/>

Início da Descrição da imagem: Uma mulher em pé e de frente para ela está uma mulher sentada em uma cadeira de rodas e sendo empurrada por um homem em pé. A mulher em pé tem um balão de fala com a seguinte frase: "... o nome dela? Tem quantos anos? Ela conseguiu...? O Homem tem um balão de fala com a resposta:" Pergunta para ela!". Sobre a cabeça da mulher que está sentada na cadeira de rodas estão os símbolos de interrogação e exclamação: "?!". Final da descrição de imagem

3 Diálogos sobre a reflexão

Após o momento de diálogo cada grupo prepara uma apresentação para turma que sintetize o que foi conversado no grupo.

Após cada apresentação o grupo que assiste destaca e comenta alguns aspectos importantes da apresentação dos colegas e de sua vivência na escola.

4 Explicando os princípios do Desenho Universal

Promova uma roda de conversa na qual cada participante irá apresentar o princípio do Desenho Universal que ficou responsável por pesquisar no encontro anterior. Nesse momento além da apresentação, é possível sugerir que os participantes comentem como acreditam que esse princípio pode ser utilizado na prática em aula.

5 Compondo

Separe a turma em 3 grupos e peça aos participantes que criem uma música (pode ser uma paródia) sobre um dos temas abordados ao longo da formação, estimulados pelo questionamento: O que fazer para que a escola, a universidade, a educação seja promotora de liberdade e para todas as pessoas?

Após criada essa canção deverá ser apresentada para todo o grupo.

6 Reflexões Finais

Com a turma organizada em um círculo, convide os participantes a falar sobre como foi o processo de formação, relatando o que mais o afetou, o que foi transformado e foi mais significativo nessa experiência.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 26, p. 733-768, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BÖCK, Geisa Leticia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado. *Educação, Artes e Inclusão*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 361-380, 2020.

Vamos em frente!

**“O Diálogo Libertador é limitado àqueles que desejam transformar o mundo”
(DE LIMA, 2021, p. 58).**

Chegamos ao final da nossa jornada! Não vamos encarar como uma despedida, e sim como o início de um novo ciclo em que vamos juntos lutar para transformar a educação e multiplicar todo conhecimento compartilhado.

Lembremos que essa proposta de formação apresentada não está pronta, ela precisa estar em constante transformação a partir das reflexões e diálogos compartilhados ao longo de todo o processo.

**Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir**

**Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver**

**A paz na terra amor
O sal na terra
A paz na terra amor
O sal da**

**Terra, és o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã**

**Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã**

**Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Para melhor construir a vida nova
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois**

**Deixa fluir o amor
Deixa crescer o amor
Deixa fluir o amor
O sal da terra**

**Pena que pena, que coisa bonita
Diga qual a palavra que nunca foi dita?**

**Compositores: Alberto De Castro
Guedes / Ronaldo Bastos**

Que essa música possa nos inspirar a buscar novos parceiros de diálogo para juntos promover a mudança, a transformação e a libertação para fazer das práticas educativas mais inclusivas para TODAS as pessoas!

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 2021a, p.71)

Vamos sonhar, acreditar e por meio do nosso desejo mais profundo, vamos transformar o mundo! Vamos Juntos! A educação precisa de TODAS as pessoas!

Vamos em Frente!

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 77. ed Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021^a

DE LIMA, Venício A. *Paulo Freire: A prática da liberdade, para além da alfabetização*. Autêntica Belo Horizonte, 2021

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELO, Douglas Christian Ferrari de. *Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência*. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p . Disponível em: <https://incluir.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

PLETSCH, Márcia Denise. *O que há de especial na educação especial brasileira? Momento – Diálogos em Educação*, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 57-70, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/9357/7600>. Acesso em: 28 jun. 2022.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (ed.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer. O desenho universal para a aprendizagem e as contribuições na educação a distância. 2019. 391 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214398/PPSI0853-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 maio 2021.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. O desenho universal para aprendizagem como um princípio do cuidado. Educação, Artes e Inclusão, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 361-380, 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15886/pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GUIMARÃES, Décio Nascimento. Desfazer os nós IN MELO, Douglas Christian Ferrari de. Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p. Disponível em: <https://incluir.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

GUIMARÃES, Décio Nascimento. Pessoas com deficiência na educação: por uma visão emancipatória. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2022.

Para saber mais:

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 26 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 07 jul. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2017.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. Revista Internacional de Direitos Humanos, [s. l.], v. 6, n. 11, p. 64-77, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?lang=pt>. Acesso em: 22 jul.2021.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 77. ed Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021^a

MELO, Douglas Christian Ferrari de. Desfazendo os nós: provocações e pessoas com deficiência. 01. ed. Campos dos Goytacazes: ENCONTROGRAFIA, 2021. v. 01. 80p . Disponível em: <https://inlui.org/2022/10/11/desfazendo-os-nos-provocacoes-e-pessoas-com-deficiencia/>

SEBASTIAN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem. Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v. 26, n. 4, p. 733-768, out./dez., 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382020000400733&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 maio 2021.

GUIMARÃES, Nascimento Décio. Desenho Universal na Educação: a metáfora da montanha. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia Editora, 2021.

MARTINS, Bruno Sena; FONTES, Fernando (org.). Deficiência e emancipação social: para uma crise da normalidade. 1. ed. Coimbra, Portugal: Almedina, 2016.

PLETSCH, Márcia Denise et al. (org.). Acessibilidade e Desenho Universal na Aprendizagem. Campos dos Goytacazes (RJ): Encontrografia; Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. (Coleção Acessibilidade e Desenho Universal na Educação). Disponível em: <https://encontrografia.com/978-65-88977-32-3>. Acesso em: 06 maio 2021.

PEROVANO, Laís Perpetuo; MELO, Douglas Christian Ferrari de. Práticas Inclusivas: saberes, estratégias e recursos didáticos. 2. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia Editora, 2020. Disponível em: <https://includi.org/publicacoes/>. Acesso em: 10 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. 1ª ed. São Paulo: Autêntica, 2019.





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
CAMPUS CAMPOS CENTRO
RUA DOUTOR SIQUEIRA, 273, None, PARQUE DOM BOSCO, CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ, CEP 28030130
Fone: (22) 2726-2903, (22) 2726-2906

ATA CMPETCC/DPPGCC/DGCCENTRO/IFFLU N° 14

FICHA DE AVALIAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL (PE)

DADOS GERAIS:

Data: 27/07/2023

Aluna: Maria Clara Calderon Almeida de Oliveira Rodrigues

Produto Educacional: Pessoas com deficiência na sala de aula: práticas inclusivas na concepção do desenho universal - caderno orientador para formação inicial/continuada com pedagogos

Subtipo de PE: Curso de Formação Profissional – Atividade REALIZADA

Linha de Pesquisa: FORMAÇÃO DOCENTE E RECURSOS TECNOLÓGICOS

Aderência à Linha de Pesquisa: Alta

Dissertação: "Práticas Inclusivas na Concepção do Desenho Universal: Diálogos com Licenciandas (os) de Pedagogia".

Finalidade: O Objetivo dessa formação é convidar educadores a dialogar acerca da importância de promover práticas inclusivas na concepção do desenho universal de forma que essa troca dialógica se transforme em conhecimento que permita romper com velhas práticas permitindo a plena inclusão de todas as pessoas no ambiente escolar e fora dele.

IMPACTO:

Nível de Impacto: Alto

Tipo de Impacto Real

Demanda: espontânea

Objetivo da Pesquisa: resolução de uma problemática identificada

Utilidade: UTILIZADO no sistema relacionado à prática profissional do discente.

Descrição do Impacto: Segundo dados da pesquisa, o curso impactou na formação dos participantes, ampliando saberes importantes para o desenvolvimento de práticas inclusivas na concepção do desenho universal

COMPLEXIDADE:

Nível de Complexidade: Médio

Originário de observação/ prática profissional?: Sim

Conectado à questão de pesquisa? Sim

Metodologia Adequada?: Sim

Conectado ao referencial teórico? Sim

Clara delimitação de uso? Sim

APLICABILIDADE:

Estágio Tecnológico: Finalizado/Implementado

É replicável? Sim

Justificativa para replicabilidade: O curso é importante para o desenvolvimento de práticas inclusivas na concepção do desenho universal.

INOVAÇÃO:

Justificativa para Teor da Inovação: A proposta é inovadora porque trata as temáticas abordadas de forma dialógica.

Teor de Inovação: Alta

Descrição da Abrangência: o produto, que conta com um caderno de orientação para o seu desenvolvimento, pode ser facilmente implementado em outros espaços.

Abrangência Territorial: Nacional

Avaliação Final / Observações:

O produto educacional é pertinente porque ele contribui para a qualificação do trabalho docente em relação ao desenvolvimento de práticas inclusivas na concepção do desenho universal.

Nota: 10,0

Campos dos Goytacazes, 03 de abril de 2024.

Prof. Dr. Décio Nascimento Guimarães - IFFluminense

Prof.^a Dra.^a Gisele Pessin - UENF

Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Paiva Magalhães - UFRN

Prof.^a Dr.^a Ingrid Ribeiro da Gama Rangel - IFFluminense

Prof.^a Dr.^a Flávia Faissal de Souza - UERJ



Documento assinado digitalmente
GISELE PESSIN
Data: 03/04/2024 14:46:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente
FLAVIA FAISSAL DE SOUZA
Data: 05/04/2024 15:14:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente
RITA DE CASSIA BARBOSA PAIVA MAGALHAES
Data: 08/04/2024 07:05:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ingrid Ribeiro da Gama Rangel**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, COORDENAÇÃO DO CURSO DE Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias, em 03/04/2024 14:05:53.
- **Decio Nascimento Guimaraes**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, COORDENACAO ACADEMICA DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM EDUCACAO FISICA, em 03/04/2024 14:10:29.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 03/04/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.iff.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 539971

Código de Autenticação: c4f7673204

